

Preocupações com o endividamento

Dívida Externa

ESTADO DE SÃO PAULO

29 MAR 1996

Em 1976, em Manila, durante a assembléia anual do FMI, o então diretor-gerente da instituição, H. Johannes Witteveen, chamava a atenção da comunidade financeira internacional para o excesso do endividamento que se verificava no mundo. Foi profético: cinco anos decorridos, irrompia a crise da dívida externa. Agora, no curso da 37ª Assembléia Anual do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), é o presidente desse órgão, Enrique Iglesias, que está alertando essa mesma comunidade para o perigo representado pelo crescimento da dívida externa dos países da América Latina. O alerta foi secundado por William Rhodes, vice-presidente do Citibank, um dos bancos mais atingidos pela mencionada crise, que só pode ser resolvida mediante mobilização dos orga-

nismos internacionais de crédito, os quais, neste momento, não teriam capacidade financeira para enfrentar conturbações do gênero. Ao aludir ao risco de "futuros Méxicos", o presidente do BID não poderia ser mais explícito...

Nos anos 70, os bancos internacionais mostravam-se generosos nos seus empréstimos, diante da necessidade de reciclar os chamados petrodólares. Hoje, diante da estagnação que se registra nos países industrializados, estão procurando aplicar naqueles em desenvolvimento para ampliar os seus lucros, atraídos que são pela alta taxa de juros oferecida pelos últimos. O que preocupa Iglesias são os capitais de curto prazo, os quais, ao retirar-se subitamente de alguns desses países, podem desestabilizar a economia latino-americana. Tal situação pode ser

agravada pela fragilidade do sistema bancário internacional, em que as instituições efetuam, a cada dia, operações de câmbio que chegam a representar US\$ 1,23 trilhão, na incerteza de que os parceiros tenham condições para honrar os compromissos.

No ano passado, segundo relatório anual especial do Banco Mundial, a dívida externa dos países em desenvolvimento cresceu 8%, ainda que essa dívida, no que se refere às exportações, tenha declinado de 163% em 1994 para 150% no ano seguinte. Os fluxos líquidos em favor dos países emergentes atingiram, em 1995, o valor de US\$ 231 bilhões, com um aumento

de 11,5%. No entanto, os investimentos diretos (US\$ 90 bilhões) representam apenas 39% do total, porcentagem muito inferior no caso da América Latina, em razão da crise mexicana. Diante disso, o BID ressalta a necessidade de es-

tabelecer um equilíbrio entre as poupanças interna e externa e de conferir prioridade a investimentos estrangeiros de longo prazo, enquanto, em nosso país, a participação do curto prazo (por

exemplo, investimentos de portfólio) é excessivamente elevada. Trata-se de importante advertência para o Brasil, onde as entradas de capitais externos vêm afetando a política monetária.

O BID alerta para o crescimento da dívida da América Latina e propõe ampliação da poupança interna